



UFES
UNIVERSIDADE
FEDERAL DA
FRONTEIRA SUL

Título Foi em Orlando, mas poderia ser aqui Autor: Redação Diário da Manhã

Veículo Diário da Manhã - RS Seção GERAIS Data 14/06/2016 11:25:20

”

URL [Acesse a notícia](#)

CENTIMETRAGEM : 74.32 CM/COL - VALOR R\$ 2.229,60



Foto: Divulgação

Grupos LGBTs da região repudiam o massacre de Orlando e chamam a atenção para a violência que acontece na região. Para os grupos, o fundamentalismo religioso e os discursos de ódio são o estopim da violência

Os Estados Unidos já foram vítimas de diversos ataques de atiradores, que entram armados em escolas ou outros locais públicos e atiram fazendo vítimas indiscriminadamente. Porém, o atentado da madrugada do dia 12 que deixou 50 vítimas fatais e feriu outras 53 pessoas, de acordo com os números divulgados até agora, foi o maior massacre em número de vítimas desde o 11 de setembro. Além do número de mortes o atentado chama atenção para a intolerância, segundo as informações das investigações, o massacre foi um crime de homofobia, já que a boate Pulse é voltada para o público LGBT.

O massacre começou às 2h da madrugada de domingo (12) e acabou três horas depois com a morte do atirador. Identificado como Omar Mateen, de 29 anos, ele levava um rifle AR 15 e uma arma de pequeno porte, abriu fogo contra as cerca de 300 pessoas que estavam no local. Segundo as primeiras informações, o atirador nasceu em Nova York e tem descendência Afegã. Os investigadores estão concentrados em encontrar relações de Omar Matten com o Estado islâmico que assumiu a autoria do atentado.

Em pronunciamento o presidente Barack Obama, que defende a legislação de um controle na venda de armas no país, disse que o atentado é um lembrete de como é fácil alguém colocar as mãos em uma arma que possibilita atirar em pessoas em uma escola, em uma casa de culto, ou em um cinema ou em uma boate". Obama disse ainda que a boate de Orlando é mais do que apenas uma casa noturna. É "um lugar de solidariedade e empoderamento para a comunidade gay", disse o presidente dos Estados Unidos.

O massacre repercutiu em todo mundo e logo perfis nas redes sociais começaram a expressar solidariedade com fotos de perfil sendo substituídas pela arco iris da bandeira LGBT, com a hashtag pray for Orlando, que traduzindo significa reze por Orlando.

O coordenador do coletivo Plural de Passo Fundo, Oscar Santos, diz que a realidade da intolerância contra a comunidade LGBT não muda de cidade para cidade. Ele chama atenção para discursos de ódio e fundamentalismo religioso que contribuem para aumentar os índices de violência. Toda a vez que a gente fala em violência e ir às vias de fato só por conta da orientação sexual, nós temos que falar que esse ato violento é motivado por um discurso de ódio que se ouve todo o dia através de Malafaias, de Bolsonaro, e o que aconteceu agora em Orlando também é um ato motivado por fundamentalismo religioso do Estado Islâmico. O sangue de cada LGBT morto está nas mãos de cada pessoa que professe discurso de ódio.

Foi em Orlando, mas poderia ser aqui em Erechim

O Contraste Coletivo LGBT de Erechim, fundado em 2012, surgiu de uma série de diálogos de dentro da Universidade Federal Fronteira Sul Campus Erechim, com o objetivo de discutir as questões de gênero, além de fazer o enfrentamento às formas de opressão e perseguição que os homossexuais, lésbicas, travestis e transsexuais sofrem.

O membro coordenador do grupo, André Ribeiro, que é também chefe do Setor de Cidadania e Diversidade Cultural da Secretaria da Cultura de Erechim, disse nesta segunda-feira, 13, que o grupo segue participando de eventos e atividades que incentivem o debate sadio acerca do assunto. Temos uma rede de contatos bem grande, com outros grupos do Estado e até do Brasil e temos promovido ações voltadas a este tipo de debates, diz.

Ribeiro garante que o grupo repudia veementemente ações violentas contra qualquer pessoa por conta da sua opção sexual. Essa violência em Orlando é apenas um ponto culminante daquilo que a gente vive alertando, desses discursos fundamentalistas principalmente do campo religioso brasileiro que acabam fomentando ações como essas. Porque foi em Orlando, mas poderia ser aqui em Erechim, garante ao afirmar que há relatos de pessoas que sofrem agressões verbais e físicas na Capital da Amizade. Uma mínima demonstração de carinho em público, como segurar a mão ou dar um beijo, desperta em algumas pessoas um lado violento que vai do xingamento à agressão física de pessoas que vão parar no hospital.

O estudante de 22 anos e conselheiro universitário da UFFS, Walmir Celestino de Andrade Junior, não tem dúvidas de que o atentado em Orlando teve raízes homofóbicas. O crime na minha concepção é fruto de um misto de fundamentalismo religioso com o próprio ódio contra homossexuais. Infelizmente esse ódio faz parte de um processo histórico de perseguição aos homossexuais. Notoriamente a religião é o principal meio de propagação desse ódio, acho que deve ser trabalhado por líderes religiosos, opina. Para Wlamir o principal meio para driblar esse tipo de preconceito é pela educação. A educação é capaz de quebrar paradigmas, é capaz de ampliar o horizonte das pessoas, defende.

Já Ribeiro acredita que a legislação precisa ser aliada da população LGBT endurecendo a punição de qualquer tipo de homofobia declarada, seja verbal ou física, e o respeito ao direito do próximo deve ser interiorizado ao cidadão.

Não há registro de casos graves de violência por preconceito em Erechim

Embora o preconceito de raça e de gênero ainda faça parte da sociedade, com situações diárias enfrentadas por estudantes e trabalhadores que tenham uma orientação sexual diferente, em Erechim, de acordo com o delegado regional da Polícia Civil Gerson Fraga, não há registro de ocorrências graves envolvendo discriminação de gênero, não tendo até o momento sido registrados casos envolvendo violência.

Mas conforme o delegado, qualquer pessoa que se sinta ofendida, seja moralmente ou fisicamente, pode e deve procurar a DPPA- Delegacia de Polícia de Pronto Atendimento para registro de uma ocorrência. Se acontecer da pessoa se sentir ofendida, ela deve ir até um órgão policial e registrar a ocorrência. Se for uma ameaça, injúria ou

calúnia a pessoa pode escolher se quer fazer somente o registro ou realizar uma queixacrime, representando contra o indivíduo. Se for um crime de maior gravidade, violência, é realizado a abertura de um inquérito policial , destacou.

Ainda conforme o delegado, se for registrada uma ocorrência em que a vítima tenha ferimentos graves, independente de sua vontade de representar, é realizada a abertura de um inquérito policial para apurar o caso.